

## 4

### Tipologias semânticas de advérbios na lingüística de orientação funcionalista

São inúmeras as tentativas de reformular a teoria sobre advérbios. Como já foi apontado neste trabalho, são muitos os problemas encontrados na teoria que trata dessa classe gramatical nos aspectos de forma e função, mas, principalmente, no aspecto semântico. Algumas gramáticas normativas reconhecem o problema e fazem algumas observações. A lingüística também busca soluções para as lacunas encontradas. Vamos nos concentrar aqui nas proposições feitas por alguns autores de orientação funcionalista, vertente lingüística na qual se considera que

as regras propriamente lingüísticas devem ser consideradas instrumentais com relação aos objetivos comunicativos da interação verbal, [sendo] o compromisso principal do enfoque funcionalista descrever a linguagem não como um fim em si mesmo, mas em termos dos requisitos pragmáticos da interação verbal (Pezatti, 1994:39 *in* Borges Neto, 2004: 86).

Bomfim (1988) faz, nesse sentido, uma reflexão sobre a aplicação do tratamento tradicionalmente dado ao advérbio. A autora inicia seu texto fazendo uma breve exposição sobre como a gramática conceitua e classifica essa classe de palavras. Segundo ela, inicialmente, as gramáticas parecem dar um tratamento uniforme a esse grupo; contudo, essa aparente uniformidade não resiste a uma análise mais profunda, principalmente quando se trata dos exemplos dados pelos compêndios gramaticais.

Ilari et al. (1989) parecem concordar com tal afirmação, pois, para eles, a tradição gramatical obtém sucesso na aplicação de sua teoria sobre advérbios em um pequeno número de casos exemplares. Na prática, se analisados mais profundamente, o que ocorre são inúmeras situações conflitantes e de aplicação duvidosa dessa teoria. Assim:

[...] Seja como for, as gramáticas enquadram atualmente entre os advérbios uma quantidade enorme de *palavras* de que seria mais correto dizer que, apenas em algumas ocorrências particulares e em alguns ambientes sintáticos, atendem aos

critérios tradicionais para a classificação como advérbios. Tratar do “advérbio” é, antes de mais nada, tomar consciência desses equívocos, constatando a diversidade de emprego dessas expressões (Ilari, et al.: idem: 57).

Voltando ao trabalho de Bomfim, a primeira colocação feita pela autora já aponta a falta de firmeza ao se aplicar o conceito tradicional dado a essa classe gramatical: pois se advérbio é, geralmente, a palavra invariável que modifica um verbo, um adjetivo ou outro advérbio e exprime uma circunstância, aqueles que são classificados como de afirmação, de negação e de dúvida não podem pertencer a essa categoria de palavras, pois não modificam as classes citadas e não exprimem uma circunstância, mas expressam a opinião do locutor, posicionamento com o qual, como vimos, concorda Rocha Lima (2006), com exceção das palavras apontadas como advérbios de dúvida, que, segundo Bomfim, demonstram a falta de certeza do sujeito da enunciação; ou ainda, podem se referir a um substantivo ou modificar toda uma oração, como se pode ver em (44)

(44) *Realmente* o dia está lindo.

em que a palavra *realmente*, que seria tradicionalmente classificada como um advérbio de afirmação, não incide diretamente sobre o verbo, mas se refere a toda a oração, exprimindo a opinião do locutor. O fato de poder colocá-la, indiferentemente, no início ou no fim da frase é mais um argumento oferecido para sustentar tal afirmação. Assim, para Bomfim, a presença dessa palavra não altera apenas o processo verbal. Ainda observa que, colocando-se uma vírgula após *realmente*, como em

(45) *Realmente*, o dia está lindo

tal palavra deixará de modificar o enunciado, expressando apenas a opinião do locutor.

Segundo Bomfim, as palavras que marcam negação, por exemplo, podem incidir diretamente sobre a palavra cujo sentido se quer negar, podendo ela ser verbo, adjetivo, outro advérbio ou outra classe de palavras, como o substantivo. Dessa forma, não há uma correspondência coerente entre conceito e aplicação.

Sobre essas palavras, Ilari et al. (1989: 87) sugerem que “a noção central, para explicar a contribuição mais típica dos advérbios é a de escopo”. O escopo

seria um conjunto de conteúdos afetados por um operador que seria o advérbio: “a noção de escopo permite distinguir-se uma negação de sentença e uma negação de constituinte: essa distinção baseia-se na intuição de que os conteúdos afetados pela negação podem ser mais ou menos localizados”:

(46) *Não se fala mais nesse assunto.*

(47) “O futuro pertence a Deus, *não* a nós” (Ilari et al., 1989: 87).

Em (46) toda a oração é afetada pela negação, ao passo que em (47) *não* parece negar o pronome nós.

Ilari et al. (1989: 87) reconhecem, no entanto, que noções como *escopo* e *conteúdos afetados* são ainda relativamente opacas, e que

[...] um corpo sistemático de observações a respeito dos conteúdos que um advérbio pode afetar é hoje um obscuro objeto de desejo; também não fica de todo claro o que se deva entender pela afirmação de que o advérbio “afeta” determinados constituintes.

Após expor todas essas dificuldades, Eneida Bomfim (1988) propõe uma reformulação da teoria dos advérbios. Para tanto, expõe tentativas de inovação de autores como Bernard Pottier, Harry Meier. Após a breve exposição das contribuições desses autores para tal teoria, a autora passa a fazer análises mais específicas, restringindo-se aos advérbios de tempo e de lugar e fazendo breves colocações sobre os advérbios de modo. Para ela, “não é pacífico considerar que os advérbios de tempo e de lugar estão relacionados ao verbo” (1988: 17). Inicia sua análise com a afirmação de que os advérbios de tempo, tradicionalmente, devem responder à pergunta: *quando?*, e que as gramáticas incluem nesse rol de classificação palavras como *hoje, ontem, agora, cedo, tarde, amanhã, antes, depois, nunca*, entre outras.

Para a autora, essas palavras deveriam pertencer a grupos diferentes, pois *cedo* e *tarde*, por exemplo, não responderiam aquela pergunta. Baseando-se nas afirmações de Pottier, a autora coloca que palavras como *ontem* e *amanhã* substituem expressões como aquela grifada em (48):

(48) *No dia 24 fiz aniversário.*

(49) *Ontem* fiz aniversário.

Necessitam, pois, de informações do contexto (são dêíticas): o enunciado (48) deve ter sido dito no dia subsequente, dia 25.

Bomfim observa ainda que tais palavras podem exercer função de sujeito:

(50) *Amanhã* será um lindo dia!

além de não serem passíveis de intensificação, como o são *cedo* e *tarde*:

(51) Dormi *muito cedo/tarde*.

O mesmo ocorre com os advérbios de lugar como *aí*, *aqui*, *lá* entre outros:

(52) Estou *na faculdade*.

(53) Estou *aqui*.

*Aqui* substitui a expressão *na faculdade* e precisa de um contexto extralingüístico.

Ou ainda, pode assumir a função de sujeito, assim como *ontem/hoje/amanhã*:

(54) *Aqui* é o lugar mais tranqüilo.

Tais características são compatíveis com as dos pronomes. Dessa maneira, a autora assume a posição de que tais dêíticos espaciais e temporais estariam classificados de maneira mais coerente como pronomes e que os advérbios, de modo seriam os únicos que, de fato, referem-se ao processo verbal.

O resultado das reflexões feitas acerca dos advérbios, segundo Bomfim (1988), gira em torno de dois pontos fundamentais: a subjetividade da maioria dos componentes dessa classe e seu relacionamento estreito com as circunstâncias que acabam envolvendo a emissão do enunciado. E esses fatores parecem levá-la à conclusão de que, realmente, não há correspondência entre a maneira como se conceitua o advérbio e o comportamento lingüístico das palavras que compõem essa classe gramatical. Para a autora, as palavras dêíticas que exprimem a idéia de tempo e lugar, por exemplo, correspondem parcialmente à definição tradicional; por isso, ela afirma que, se tais palavras forem consideradas advérbios, a conceituação dessa classe terá que ser reformulada.

Ao colocar tais dêíticos como pronomes, Bomfim (1988) parece concordar, em parte, com a definição de advérbio dada por Câmara Jr. (1986: 42) e por

alguns dos gramáticos tradicionais aqui analisados: “palavra de natureza nominal ou pronominal que na frase se acrescenta à significação –a) de um adjetivo (v.) ou –b) de um verbo, como seu determinante”. O autor afirma que “o advérbio de natureza pronominal em português é indicador de lugar, ou LOCATIVO”, podendo ser de natureza demonstrativa, caso em que a relação com os demonstrativos pode ser ilustrada pela seguinte relação: *aqui* (este, isto), *aí* (esse, isso), *ali* (aquele, aquilo); ou de natureza indefinida. Os advérbios, então, segundo o autor, são em essência, do ponto de vista significativo, locativos ou de lugar, temporais ou de tempo e modais ou de modo. Os locativos são aqueles de natureza demonstrativa ou pronominal; os temporais, aqueles que indicam posição no tempo; e os modais, aqueles que assinalam a modalidade no verbo ou que qualificam o adjetivo.

Câmara Jr. (2004: 79) reafirma seu posicionamento a respeito dessa natureza do advérbio: “trata-se de um nome, ou um pronome, que serve de determinante a um verbo: fala *eloqüentemente*, fala *aqui*”.

Macambira (2001: 85) compartilha tal opinião, pois, como vimos, considera que a classe dos advérbios se divide em nominais e pronominais. Os de tipo nominal se desdobram em substantivos sem pronome (como, por exemplo, em 55 abaixo), enquanto os de tipo pronominal se desdobram em substantivos com pronome demonstrativo (56), indefinido (57), interrogativo (58) e relativo (59):

(55) Ele agiu *com fidelidade* (*fielmente*).

(56) Estou *neste lugar* (*aqui*).

(57) *Em tempo algum* tal fato ocorreu (*nunca*).

(58) *De que modo* faço bolo de chocolate? (*como*)

(59) (*o modo*) *como*: pelo qual modo.

Para o advérbio pronominal, o autor (2001: 87) sugere uma definição mais prática: “advérbio pronominal é aquele que responde às perguntas *onde?*, *quando?*, *quanto?*”:

(60) Moro *ali*.

(61) Volto *amanhã*.

(62) Demorei *pouco*.

Luft (2002: 182), como também já foi visto, parece ter a mesma opinião, sobre a natureza nominal ou pronominal do advérbio, mas o classifica de maneira distinta da de Macambira.

Said Ali (1965: 184) fornece explicações diacrônicas para a natureza pronominal dos advérbios:

originaram-se os nossos advérbios *aqui*, *cá* e *lá* das formas ablativas *hic*, *hac* do pronome demonstrativo latino aglutinadas a outras palavras (*eccu(m)*, *ill(e)*). *Aí*, outrora *hi* ou *i* ainda que pareça filiar-se a *ibi*, é provavelmente o próprio vocábulo *hi(c)* com função adverbial. *Ali* procede de *illic*. Poderíamos, pois, atendendo à etimologia, classificar as formas portuguesas como advérbios pronominais.

Ilari et al. (1989) reforçam, parcialmente, pois não chegam a afirmar que deveriam ser classificados como pronomes, o que diz Eneida Bomfim (1988) com relação aos dêiticos temporais e espaciais. Para os autores, esses deveriam ser tratados pela gramática normativa como um caso a parte dos advérbios, por sua gama variada de empregos e por sua mobilidade semântica. Em abordagem que pretende se distinguir daquela adotada na gramática tradicional, tentam, como veremos, fazer uma caracterização (ou classificação) semântica dos advérbios, trabalhando com dados extraídos de inquéritos do Projeto Nurc.

Neves (2002: 250) parece também endossar o posicionamento em relação aos advérbios temporais e espaciais. Dando seqüência ao trabalho de Ilari et al. (1989), afirma:

[...] os chamados “advérbios de lugar” e “advérbios de tempo” têm um estatuto particular, que a tradição gramatical não tem avaliado. De fato, se o advérbio se define como o *modificador* do verbo (ou, ainda, do adjetivo e do advérbio), como ocorre tradicionalmente, os circunstanciais não pertencem à classe, já que nenhum advérbio de tempo ou de lugar realmente *modifica* o expresso no verbo. Por outro lado, se o advérbio se define com a palavra que indica circunstância, conforme também ocorre tradicionalmente, os circunstanciais são advérbios por excelência.

Advérbios de tempo e lugar são considerados por Neves (2002) como categorias dêiticas, assim como colocam Ilari et al. (1989) e Bomfim (1988). Para Neves, eles podem ser fóricos, e então têm natureza pronominal, (63) ou não-

fóricos (64). Entenda-se por “fórico (no sentido do grego phéro, “levar”, “trazer”) o elemento que propicia a busca ou a recuperação de informação, por remissão a um ponto do enunciado, ou à situação de enunciação” (Neves, 2002: 251), como ilustram os exemplos abaixo:

(63) Estou fazendo o trabalho *hoje aqui*.

(64) *Depois de um mês* você começa a pagar.

Considerando os traços semânticos, os advérbios de lugar podem indicar as seguintes circunstâncias de lugar (Neves, 2002: 262 -265): (a) situação, (b) percurso e (c) direção. Vejamos a pormenorizada subclassificação semântica proposta pela autora:

a) Situação: indicam lugar propriamente dito. São estáticos. Responderiam à pergunta *onde?*. Podem:

a.b) indicar posição absoluta (são fóricos):

(65) A festa vai ser *aqui* na faculdade.

a.c) indicar posição relativa (não-fóricos) exprimindo:

1) inclusão: (66) Valparaíso fica *dentro* do Estado de Goiás.

2) exterioridade: (67) Picolés são vendidos *fora* da escola.

3) adjacência: (68) Sua filha está *junto* a você.

4) sobreposição: (69) As salas aqui de *cima* são maiores.

5) sotoposição: (70) Está *em baixo* da bolsa.

6) anteposição: (71) Bem *em frente* da faculdade...

7) posposição: (72) Está aqui *atrás*.

8) circumposição: “ao redor” (não há em português)

9) interposição: “no meio” (não há em português)

10) proximidade: (73) Moro *perto* da feira.

11) distância: (74) Moro *longe* da feira.

12) ultraposição: (75) Moro *depois* da feira.

b) Percurso: há dinamismo (a pergunta seria *por onde?*)

c) Direção: há dinamismo

c.a) origem: *de onde?*

c.b) meta: *para onde?*

Em português, não há advérbios de percurso e nem advérbios diretivos. Usa-se, “para essa indicação, o situativo ou um nome com o traço/lugar/precedido da preposição atribuidora de caso (origem, meta ou percurso)” (Neves, 2002: 264):

(76) *E daí para a frente* você escreve sozinha.

Os advérbios de tempo podem indicar as circunstâncias de (A) situação, (B) duração e (C) frequência (Neves, 2002: 266 - 273). São subclassificados da seguinte forma pela autora:

(A) situação: respondem à pergunta *quando?*. Podendo ser a situação:

a.b) absoluta: momento ou período situado na escala do tempo, referindo-se:

a.b.a) a um momento ou período determinado (fóricos):

(77) *Agora* não me recordo desse episódio (*agora*: neste momento).

(78) *Agora* estou fazendo mestrado em Estudos da Linguagem (*agora*: na época atual).

(79) *Agora* vamos escrever (*agora*: prolongando-se para o período imediatamente seguinte a este).

(80) *Agora* publicaram uns textos muito bons sobre esse assunto (*agora*: período ou momento imediatamente anterior a este).

(81) Você viu *agora* a seca que assola o nordeste? (*agora*: nos últimos tempos).

a.b.b) não se referem a um momento ou período determinado (não-fóricos):

(82) Tenho compromisso amanhã *cedo/ à tarde*.

(83) Se escrever todos os dias, *logo* sua dissertação estará pronta.



(84) *Nunca* faria um curso de matemática.

(85) *Sempre* gostei de estudar língua portuguesa.

a.c) relativa: estabelece a relação entre um período e outro, podendo:

a.c.a) se referir a um momento da enunciação (fóricos):

(86) *Ainda* existem pessoas passando fome.

(87) O texto não está pronto *ainda*.

(88) Eu *já* fui ao Rio de Janeiro.

a.c.b) não se referir a um momento da enunciação (não-fóricos):

(89) Não sei se conseguirei chegar *antes* de você sair.

(90) Sairei logo *depois* de você.

B) duração: o período considerado em sua duração, podendo:

b.a) se referir a um momento (fóricos):

(91) Tenho lido muito *ultimamente*.

b.b) não se referir a um momento determinado da enunciação (não-fóricos):

(92) O atendimento está *temporariamente* suspenso.

C) freqüência: os advérbios de freqüência são todos não-fóricos, pois nunca se referem a um momento determinado do enunciado, apenas indicam a repetição ou não-repetição de um momento ou de um período.

(93) *Anualmente*, aumentam-se os impostos.

(94) Trabalho *diariamente* para lhe dar o melhor.

(95) *Sempre* saio depois do horário.

(96) *Nunca* consigo escrever mais de cinco páginas por dia.

(97) *Freqüentemente* vou ao cinema.

Assim, para Neves (2002: 284),

o caráter dêitico das categorias de tempo e de lugar se representa por sintagmas fóricos que recuperam informação, seja na situação, seja no texto, mas também por sintagmas não-fóricos, em que se fixam coordenadas para referência a um estado ou fato, mas não se provê instrução para a recuperação de informação no enunciado ou na situação de enunciação.

Segundo Ilari et al. (1989: 59), os dêiticos parecem possuir propriedades distribucionais e sintáticas próprias que acabam por distingui-los dos outros advérbios. Assim, podem assumir funções distintas daquelas atribuídas a esta classe gramatical. Como se pode observar em (98) em que *assim* assume a função de predicativo, típica de substantivos e adjetivos:

(98) “... não que eu deseje a liberdade, deseje estar *assim* sem obrigações para com as crianças” (Ilari et al., 1989: 116).

Tais dêiticos, segundo os autores, podem ser *determinativos*, como acontece em (99), onde *aqui* parece determinar o substantivo supermercados; ou *argumentais*<sup>14</sup>, conforme ocorre em (100), em que a mesma palavra exerce função essencial, e não acessória como seria o caso para os advérbios tradicionalmente falando:

(99) “Mas a cadeia de supermercados *aqui* é do Recife” (Ilari et al, 1989: 59).

(100) *Aqui* é o melhor lugar do mundo.

O uso da palavra *lá* é apontado como um caso que oferece maiores dificuldades, pois, em algumas situações, não parece ser, a primeira vista, nem determinativo, nem argumental, nem advérbio de lugar:

(101) Ele tem *lá* seus problemas.

(102) Eu sei *lá* o que ele tem a dizer.

Em (102), ainda parece ocorrer um efeito de negação no uso de *lá*, pois essa palavra demonstra certa distância entre o locutor o conteúdo sobre o qual se está falando.

---

<sup>14</sup> Segundo Ilari et al, 1989: 56, “Ao descrever os advérbios como modificadores ou circunstanciais, a Nomenclatura Gramatical Brasileira distingue-os dos termos essenciais e integrantes da oração atribuindo-lhes uma função acessória. Mais modernamente, os termos essenciais e integrantes são chamados ‘argumentais’ e os outros ‘não-argumentais’ (...)”.

Quanto àqueles denominados advérbios de intensidade, como  *muito*,  *pouco*,  *bastante* etc., Ilari et al. (1989: 60) afirmam que possuem “propriedades semânticas, sintáticas e distribucionais que colocam em xeque os critérios tradicionais”, pois “se comparam aos chamados pronomes e adjetivos indefinidos”, já que são invariáveis como os indefinidos neutros e podem ser analisados como um sintagma nominal em função de objeto direto, conforme se pode observar em (103) e (104), exemplos nos quais  *muito* (103) e  *muito, muito pouco* (104) “poderiam considerar-se como advérbios ou pronomes substantivos indefinidos, e o  *muito* de  *muito pouco* como advérbio de advérbio ou como pronome adjetivo indefinido”:

(103) Fiz  *muito* por você.

(104) “Eu pensei que ela fosse ter problemas na escola porque ela não fala  *muito* ela fala  *muito pouco*” (Ilari et al., 1989: 60).

Assim, segundo Ilari et al. (1989), os “advérbios” de intensificação podem ocorrer como determinantes de um sintagma nominal, como argumento do predicado, e até mesmo constituir o núcleo de um predicado nominal:

(105) Isso é  *muito*.

Dessa forma, os intensificadores, assim como os dêiticos, não ocorrem apenas como modificadores, como quer a tradição gramatical.

Bomfim (1988) não compartilha a mesma idéia quanto às palavras destacadas em (104), pois, para ela, deveriam ser incluídas na lista de palavras denotativas como intensificadores.

No que diz respeito aos advérbios terminados com o sufixo  *-mente*, Ilari et al. (1989), consideram-nos “expressões que, para usar uma metáfora, aplicam a algum constituinte o carimbo de ‘conferido’”, sugerindo que o locutor esteja verificando (106), identificando algo (107), ou ainda investigando sobre uma possível relação causa e efeito (108):

(106) São  *exatamente* quatro fatias de pizza.

(107) Esse era  *justamente* o curso de que eu precisava.

(108)  *Justamente* porque você não estudou o suficiente, não conseguiu nota.

Em (106), há um agravante em relação à teoria tradicional sobre advérbios, pois *exatamente* não parece estar se referindo a um verbo, adjetivo ou outro advérbio, mas a um numeral, restringindo-o. Uma situação semelhante ocorre em (109), no qual *mais* parece modificar, quantificar o substantivo filhos e não a locução verbal:

(109) Preciso ter *mais* filhos.

Para amenizar tal problema, Ilari et al. (1989) propõem que os advérbios deveriam ser classificados, no eixo sintático, primeiramente, em advérbios de constituinte, de sentença e de discurso, dependendo do seu grau de conexão com o verbo. Os de discurso foram deixados pelos autores para uma análise futura.

Os advérbios de constituinte seriam aqueles que se aplicam a um termo da oração, porém, não necessariamente ao verbo, adjetivo ou outro advérbio, conforme estabelece a gramática tradicional e se pode verificar em ocorrências como (106) e (109). Os advérbios sentenciais seriam aqueles que se referem à oração, conforme ocorre em (110). Comparem-se exemplos dados pelo autor:

(110) *Basicamente*<sup>15</sup>, eu posso não interferir no processo global... [...] (Ilari et al., 1989: 67).

(111) O Brasil diz-se *basicamente* subdesenvolvido [...] (Idem, subidem).

Em (110), *basicamente* se refere a todo o resto da oração, o que não acontece em (111), em que a mesma palavra pode incidir sobre o verbo ou sobre o adjetivo.

De acordo com Ilari et al. (1989) os advérbios sentenciais ainda podem ser classificados em:

(a) *hedges*, que limitam o ponto de vista sobre determinada asserção e, por isso, também poderiam ser chamados de advérbios de circunscrição (ou limitadores):

---

<sup>15</sup> Para Bomfim (1988), a presença da vírgula faz com que essa palavra deixe de se referir à oração para expressar apenas a opinião do locutor.

(112) *Humanamente*, é impossível fazer tudo ao mesmo tempo;

(b) quase-modais, que modalizam a asserção:

(113) “*Realmente*, deve ser maravilhoso ter uma família grande” (Ilari et al., 1989: 68);

(c) aspectualizadores, que são aqueles que expressam quantificação, poderiam ser chamados de “quantificacionais” ou “quase-quantificacionais”; contudo, porque não expressam quantificação sobre objetos, mas sobre eventos, parece mais adequado, segundo os autores, chamá-los aspectualizadores:

(114) *Semanalmente*, quase que *semanalmente*, leio um livro.

(d) e os de atitude proposicional, que são aqueles que expressam a apreciação do falante sobre o que está sendo dito:

(115) *Felizmente*, as crianças estão dormindo.

Os advérbios de discurso são aqueles que podem ultrapassar “não só os limites dos constituintes, como também da sentença”, o que se pode observar na ocorrência da palavra *inclusive* em (116) (Ilari et al., 1989: 70):

(116) “O endocrinologista proibiu terminantemente que eu tenha mais filhos, *inclusive* ele disse que se eu tiver vai ser necessário um aborto” .

A distinção mais geral que se pode estabelecer entre os advérbios, no eixo semântico, segundo Ilari et al. (1989), é a de predicativo ou não-predicativo. Eles consideram que

Na afirmação tradicional de que o advérbio modifica tipicamente o sentido do verbo ou do adjetivo, está implícita a hipótese de que ele expressa uma espécie de predicação de grau superior: assim como o verbo ou o adjetivo atribuem uma ação ou uma propriedade ao sujeito, o advérbio predicaria uma propriedade da qualidade ou ação que se atribui ao sujeito: assim, em “João caminha lentamente”, descreve-se como sendo lenta a ação de caminhar que se atribui a João. (Ilari et al., 1989: 73).

Denominam *predicativos* os advérbios que implicam a idéia de predicação de forma natural, e que afetam o sentido do verbo ou adjetivo (130); e de *não-predicativos* aqueles para os quais a predicação seria contra-intuitiva, aqueles que

acrescentam uma circunstância de tempo, lugar ou indicam limites de aplicação da proposição (118):

(117) Ele chegou *bem*.

(118) Ele chegou *aqui*.

Para Ilari et al. (1989: 76), em relação a advérbios como o destacado em (118), não cabe falar em modificação de sentido, como quer a tradição com sua definição dessa classe de palavras. Esta colocação é válida tanto para os circunstanciais como para as palavras que exprimem negação.

Seriam advérbios predicativos os qualitativos, os intensificadores, os modalizadores e os aspectualizadores. E os não-predicativos seriam os de verificação *de re e de dicto* (afirmação, negação e focalização) e os circunstanciais.

Sobre a sugestão da existência de advérbios focalizadores (Ilari et al., 1989), que se aplicam a numerais, adjetivos, a outros advérbios ou ainda a termos da oração. Ilari (2002: 198) elabora algumas hipóteses acerca da função singular dessas palavras, que corroboram para “criar a impressão de que o locutor dispõe de argumentos fortes para comprometer-se com a verdade do dito; acarretam assim um efeito de ênfase, num dos tantos sentidos que a palavra assume”. Para tanto, o autor inicia com a análise da palavra *bem*, a fim de demonstrar a distinção entre focalizadores e intensificadores:

(119) Aquela margarina é *bem* gostosa.

(120) A loja fica *bem* em frente ao supermercado.

Em (119), *bem* intensifica a qualidade atribuída à margarina. Enquanto em (120), sugere a localização exata da loja, que vai possibilitar a sua localização sem erros, havendo o que o autor denomina focalização.

Ilari (2002) distingue alguns tipos de focalizadores ao analisar as “operações de verificação”. Essas operações implicam: (a) verificação de número, (b) de proporção, (c) de coincidência com um protótipo, (d) de identidade ou congruência, (e) de factualidade. Vejamos:

(a) Verificação de número: nesta operação, há, praticamente, duas estratégias: apontar um número exato (121) e, como se pode ver em (122), “apontar o número como resultado de uma operação específica (é o caso de *no total*, que faz supor uma contagem)” (Ilari, 2002):

(121) Quero *exatamente* três filhos.

(122) *No total*, vocês são cinquenta.

(b) Verificação de proporção: o advérbio propicia às propriedades de seu referente à idéia de proporção, demonstrando que elas podem acontecer em parte e ou por inteiro. Para o autor, Esses advérbios podem ser divididos em três classes, conforme os extremos (tudo/nada) ou posições intermediárias (mais/menos) que expressam:

Assim, Ilari (2002: 187) propõe o seguinte quadro:

	tudo /nada	mais/menos
(baixa p.)		<i>um pouco.</i>
(média p.)		<i>até certo ponto, mais ou menos, meio, (não) tanto assim.</i>
(alta p.)	<i>absolutamente, plenamente, rigorosamente.</i>	

(c) Verificação de coincidência com um protótipo: “o uso de advérbios focalizadores pode indicar que uma propriedade ou relação se realiza de maneira “prototípica” ou “exemplar” (Ilari, 2002: 188).

(123) Essa é uma comida *bem* brasileira.

Em (123), trata-se de um prato que reúne características típicas da comida brasileira. Assim, vê-se que o advérbio *bem*, pode atuar como focalizador, intensificador e qualificador (124):

(124) Maria escreve *bem*.

Dessa maneira, interpretar a palavra *bem* é um ato dependente do contexto, pois o seu referente poderá lhe atribuir um efeito que pode sugerir exatidão, intensificação ou modo/maneira. Para Ilari (2002: 197), tal advérbio “produz um

efeito de intensificação, quando aplicado a propriedades graduais, e um efeito de focalização, quando aplicado a propriedades não-graduais”:

(125) Eles são *bem* parecidos (ilustra a primeira situação).

(126) A sala 15 fica *bem* em frente à secretaria (ilustra a segunda situação).

(d) Verificação de identidade e congruência: neste caso, verifica-se “coincidência não com um protótipo implícito a ser evocado ou reconstituído, mas com indivíduos, lugares e momentos explicitados no próprio texto” (Ilari, 2002:191):

(127) O resultado final é *exatamente* aquele que passei para a secretaria.

(e) Verificação de factualidade: o advérbio tem o papel de reforçar a conclusão de determinada argumentação ou demonstração, dando a entender que seria um equívoco concordar com opiniões contrárias:

(128) escrever é um ato *realmente* ligado à transpiração.

Castilho & Castilho (2002), partindo da proposição de Ilari et al (1989) que coloca os *hedges*, os quase-modais e os advérbios de atitude proposicional como subclasse dos advérbios modalizadores, que compõem a classe dos advérbios predicativos, aconselham algumas alterações nesse quadro preliminar, propondo: (1) os modalizadores epistêmicos; (2) os modalizadores deônticos; e (3) os modalizadores afetivos.

(1) Os modalizadores epistêmicos expressam a avaliação do emissor quanto ao valor de verdade da proposição. Eles podem ser:

(a) asseverativos: ocorrem quando está em jogo o valor de verdade, há alta adesão do emissor ao que está sendo dito, pois este considera o conteúdo expresso como verdade, uma negação (129) ou afirmação (130) que não possuem margem para dúvidas:

(129) *Não* farei este serviço *de jeito nenhum*.

(130) O serviço é, *seguramente*, bom.

(b) quase-asseverativos: ocorre quando o que se considera são as condições de verdade. O emissor se furta da total responsabilidade sobre a veracidade ou



falsidade da proposição. Acredita que seu conteúdo é próximo à verdade, mas dependente de confirmação:

(131) *Talvez* ele chegue a tempo.

(c) delimitadores (*hedges*): determinam os limites nos quais deve ser considerada a proposição:

(132) Admiro-o *profissionalmente*.

(2) Os modalizadores deônticos não mais colocam o teor de verdade da proposição em xeque, mas um estado de obrigatoriedade, proibição, volição e permissão:

(133) Este texto precisa ter, *obrigatoriamente*, cem páginas.

(3) Os modalizadores afetivos perdem as considerações epistêmicas ou deônticas para dar lugar à apreciação, à percepção do falante diante da proposição, o que pode acontecer de maneira subjetiva (134), na qual há uma dupla predicação: “a do falante em face de P e a da própria proposição” (Castilho & Castilho, idem: 208) ou intersubjetiva (135), que expressa uma predicação simples, assumida pelo emissor:

(134) *Surpreendentemente*, ela passou no concurso.

(135) *Lamentavelmente*, não passei no último concurso.

Considerando os trabalhos analisados como um todo, concluímos que, como é de se esperar em abordagens funcionalistas, tais categorias não dizem respeito unicamente a um plano semântico estrito, mas incorporam também, mais sistematicamente do que é o caso nas gramáticas tradicionais, valores pragmáticos dos advérbios. Observamos também que há entre os trabalhos analisados uma preocupação maior em utilizar uma metalinguagem mais explícita, em que se procura definir as subclasses semântico-pragmáticas dos advérbios (por exemplo, a definição de modalizadores epistêmicos asseverativos dada por Castilho e Castilho, 2002).

Levando em conta as colocações feitas pelos lingüistas no que diz respeito à semântica e à pragmática dos advérbios, propõe-se que eles podem ser classificados em cinco grandes grupos, que os autores não apresentam como

exaustivos: 1) dêíticos; 2) intensificadores; 3) modalizadores; 4) qualitativos e; 5) focalizadores. Algumas dessas taxonomias são divididas em subclasses para melhor atender ao critério semântico, conforme o quadro proposto em 4.1.

#### 4.1

#### Uma proposta resumitiva das tipologias lingüísticas oferecidas

<i>Advérbios</i>	
<i>classes semântico-pragmáticas</i>	<i>Exemplos</i>
1) Dêíticos	
1.1) De lugar	
1.1.1) Situação: posição absoluta	A aula será <i>aqui</i> .
1.1.2) Situação: posição relativa	
1.1.2.1) Inclusão	Salvador fica <i>dentro</i> do estado...
1.1.2.2) Exterioridade	O curso foi feito <i>fora</i> do país.
1.1.2.3) Adjacência	Estou <i>junto</i> ao orelhão.
1.1.2.4) Sobreposição	Tudo é mais belo daqui de <i>cima</i> .
1.1.2.5) Sotoposição	A ficha está <i>embaixo</i> do livro.
1.1.2.6) Anteposição	Bem em <i>frente</i> ao lava-jato...
1.1.2.7) Posposição	A vassoura está <i>atrás</i> da porta.
1.1.2.8) Proximidade	O hospital fica <i>perto</i> da ...
1.1.2.9) Distância	O hospital fica <i>longe</i> da ...
1.1.2.10) Ultraposição	O hospital fica <i>depois</i> da ...
1.1.3) Percurso	Daqui <i>para frente</i> caminharei.
1.1.4) Direção	
1.1.4.1) de origem	As pessoas que vinham <i>de lá</i> ...
1.1.4.2) de meta	Vamos caminhando <i>até lá</i> ...
1.2) De tempo	
1.2.1) situação	<i>Hoje</i> o dia amanheceu lindo.
1.2.2) duração	<i>Ultimamente</i> sinto-me muito feliz.
1.2.3) frequência	Leio <i>diariamente</i> .

2) Intensificadores	Aquele rapaz é <i>muito</i> bonito.
3) Modalizadores 3.1) epistêmicos 3.1.1) asseverativos 3.1.2) quase-asseverativos 3.1.3) delimitadores 3.2) deônticos 3.3) afetivos	Ele, <i>certamente</i> , fará o serviço. <i>Talvez</i> ele faça o serviço. <i>Biologicamente</i> , o ser humano é... Preciso, <i>obrigatoriamente</i> , ... <i>Felizmente</i> , consegui o trabalho.
4) Qualitativos	Ela escreve <i>bem</i> .
5) Focalizadores 5.1) de verificação de número 5.2) de proporção 5.3) de coincidência com um protótipo 5.4) de identidade ou congruência	Preciso de <i>exatamente</i> vinte reais. Este conteúdo está <i>um pouco</i> difícil. Este é um samba <i>bem</i> carioca. O fato aconteceu <i>exatamente</i> como relatei.